

Cinderela: Implicações da função materna nos processos de maturação do Ego

Cenicienta: Implicaciones de la función materna en los procesos de maduración del Ego

Cinderella: Implications of the maternal function in the Ego maturation processes

Bruna Silva Grabowski*Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul - RS/Brasil***ORCID:** 0000-0002-2012-4938**E-mail:** brunagrabowski@gmail.com**Raquel Furtado Conte***Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul - RS/Brasil***ORCID:** 0000-0002-2378-8772**E-mail:** rfconte@ucs.br**Resumo**

A mãe suficientemente boa refere-se àquela figura capaz de interpretar e adaptar-se às necessidades do bebê, amparando-o fisiologicamente e afetivamente, o que oportuniza o estabelecimento de um ambiente favorável para os processos de maturação do Ego. Os contos de fadas são narrativas universais que contribuem na elaboração de conflitos internos, de modo a conectar as histórias à sua própria experiência. Nesse contexto, o objetivo deste estudo é identificar as possíveis implicações da função materna nos processos de maturação do Ego, a partir do conto de Fadas Cinderela. A presente pesquisa é de natureza qualitativa, com caráter exploratório e explicativo, cuja técnica para análise dos achados é a análise de conteúdo. Os resultados mostram que o papel da figura materna é crucial para que o sujeito seja capaz de tolerar a frustração; para o alcance do mundo simbólico; para adquirir independência, integração do Ego e desenvolvimento do self verdadeiro. Em consonância, os achados demonstram que os contos de fadas se configuram como um possível recurso de projeção da criança, bem como de sua figura materna, o que oportuniza elaboração de conflitos. Por meio deste trabalho, identificam-se as contribuições do uso de conto de fadas e sua influência no desenvolvimento emocional das crianças. Nesse sentido, a utilização deste trabalho pode beneficiar em âmbito social, as áreas científicas, em específico, a psicologia e a educação.

Palavras-chaves: Contos de fadas; Cinderela; Função materna; Maturação do Ego; Winnicott.**Resumen**

La madre suficientemente buena se refiere a aquella figura capaz de interpretar y adaptarse a las necesidades del bebé, apoyándolo fisiológica y afectivamente, lo que brinda la oportunidad de establecer un ambiente propicio para los procesos de maduración del Ego. Los cuentos de hadas son narraciones universales que contribuyen a la elaboración de conflictos internos, con el fin de conectar las historias a su propia experiencia. En ese contexto, el objetivo de este estudio es identificar las posibles implicaciones de la función materna en los procesos de maduración del Ego, a partir del cuento de hadas Cenicienta. Esta pesquisa es de naturaleza cualitativa, con carácter exploratorio y explicativo, cuya técnica de análisis de los hallazgos es el análisis de contenido. Los resultados muestran que el papel de la figura materna es crucial para que el sujeto sea capaz de tolerar la frustración; llegar al mundo simbólico; para adquirir

independencia, integración del Ego y desarrollo del verdadero yo. En línea con eso, los hallazgos demuestran que los cuentos de hadas son un posible recurso para proyección del niño, así como de su figura materna, lo que proporciona oportunidades para elaboración de conflictos. Por medio de este trabajo, se identifican las contribuciones del uso de cuento de hadas y su influencia en el desarrollo emocional de los niños. En este sentido, el uso de este trabajo puede beneficiar en ámbito social, las áreas científicas, en particular, la psicología y la educación.

Palabras clave: Cuentos de hadas; Cenicienta; Función materna; Maduración del Ego; Winnicott.**Abstract**

The good enough mother refers to that figure capable of interpreting and adapting to the baby's needs, supporting

him physiologically and affectively, which provides an opportunity to establish a favorable environment for the Ego maturation processes. Fairy tales are universal narratives that contribute to the elaboration of internal conflicts, in order to connect the stories to their own experience. In this context, the objective of this study is to identify the possible implications of the maternal function in the processes of Ego maturation, based on the fairy tale Cinderella. This research is qualitative, with an exploratory and explanatory character, whose technique for analyzing the findings is content analysis. The results show that the role of the mother figure is crucial for the subject to be able to tolerate frustration; to reach the symbolic world; to acquire independence, Ego

integration and development of the true self. In line, the findings show that fairy tales are configured as a possible resource for the projection of the child, as well as of their mother figure, which provides opportunities for the elaboration of conflicts. Through this work, the contributions of the use of fairy tale and its influence on children's emotional development are identified. In this sense, the use of this work can benefit in social sphere, the scientific areas, in particular, psychology and education.

Keywords: Fairy tales; Cinderella; Maternal function; Maturation of the Ego; Winnicott.

Introdução

Inicialmente, os contos de fadas não foram escritos para as crianças. Nos seus primórdios, as histórias narradas nos contos de fadas contavam com aspectos mais sombrios e violentos direcionados ao público adulto (Hueck, 2017). No século XIX os contos de fadas foram modificados para atender especialmente o público infantil, de modo a censurar os conteúdos sexuais e agressivos (Corso & Corso, 2006). As histórias sobrevivem e se transformam de acordo com as indagações humanas universais de cada período e há diversas versões, cada uma respondendo às demandas de sua época (Hueck, 2017). Dessa maneira, os contos de fadas põem à prova o tempo, ultrapassando séculos e permanecendo até hoje (Corso & Corso, 2006).

Os contos de fadas sugerem mais de uma solução para o personagem, e, ainda, validam fantasias das crianças, sejam elas boas ou más para que posteriormente possam ser sublimadas (Bettelheim, 1976/2018). Não impõem uma única solução para as fantasias infantis universais; ao contrário, oferecem uma variedade de alternativas para obter as resoluções. Para que isso ocorra, é necessário o papel primordial da imaginação (Bettelheim, 1976/2018; McKinnell, 2019). A projeção evidenciada nos contos de fadas também merece destaque, pois é através dela que os sujeitos conseguem transfigurar os desejos à consciência, ou seja, passam a ter conhecimento sobre seus próprios anseios (Radino, 2004). Faz-se importante salientar

também que a resolução dos conflitos é sempre interna, de acordo com cada ouvinte ou leitor que esteja imerso na história retratada (McKinnell, 2019).

Bettelheim (1976/2018) explica que, em geral, entende-se que as crianças precisam escutar muitas vezes a mesma história para posteriormente elaborarem um sentido. De acordo com o autor supracitado “só ouvindo repetidamente um conto de fadas e tendo-lhe sido amplamente dado tempo e oportunidade para se demorar nele é que uma criança é capaz de aproveitar na íntegra o que a história tem a lhe oferecer” (Bettelheim, 1976/2018, p. 85). Afinal, os contos de fadas quase sempre retratam as dificuldades humanas mais básicas, por exemplo, o medo da morte, angústias, dilemas existenciais, pulsões primitivas, emoções violentas, necessidade de ser amado, e demais conflitos internos existentes (Bettelheim, 1976/2018). No íntimo, despertam a reflexão das primeiras relações estabelecidas entre o bebê e sua mãe (Raufman & Weinberg, 2016). Além disso, na maioria das vezes, tais histórias mostram que as crianças são obrigadas a saírem da casa, o que os tornam mais fortes e independentes dessas figuras primárias (Michael, 2017).

Para os adultos, os contos de fadas contribuem no manuseio da ansiedade frente às expectativas de proteção e cuidado paterno e materno (Gildersleeve & Batorowicz, 2018). Perante essa ideia, Corso e Corso (2006) introduzem o conceito de “*pais suficientemente narrativos*” (p.298), aludindo ao conceito de

mãe suficientemente boa de Winnicott (1990; 1994). Em síntese, os pais narram, ao mesmo tempo em que escutam os contos. Em um âmbito maior, depositam uma carga inconsciente que auxilia seus filhos na compreensão de determinada conflitiva (Corso & Corso, 2006).

Para os psicólogos, os contos de fadas correspondem a uma das possíveis ferramentas para realizar uma avaliação psicológica infantil e possíveis intervenções para resolução da sintomatologia apresentadas pela criança (Iglesias & Iglesias, 2016). Por meio das histórias retratadas, os sujeitos conseguem implicar-se nelas, a fim de encontrarem suas próprias soluções, conseqüentemente, na realidade conseguirão lidar melhor com seus problemas e crises perpassadas ao longo da vida (Bettelheim, 1976/2018). Assim, revelam o bem e o mal, recompensas e punições para cada ação do herói na história, o que fomenta um ponto de referência para o leitor que, imerso na história, possa realizar escolhas mais autênticas para a sua realidade. Ressalta-se que, para que os contos de fadas atinjam seu valor terapêutico, é preciso que a história seja atrativa e ajude no manejo das emoções, ansiedade e progresso no intelecto (Bettelheim, 1976/2018).

O presente trabalho busca identificar as possíveis implicações da função materna nos processos de maturação do Ego, a partir do conto de fadas *Cinderela ou O Sapatinho de Vidro* de Charles Perrault (1697/2010). Para isso, procuramos inicialmente discutir as relações entre psicanálise e figura materna nos contos de fadas. Em seguida, descrevemos a função materna, a partir de Winnicott. Por fim, apresentamos uma tabela contendo a categoria de análise função materna; as subcategorias *mãe suficientemente boa*; *mãe não suficientemente boa*; *holding* e integração do Ego; e recortes do artefato cultural *Cinderela ou O Sapatinho de Vidro* (Perrault, 1697/2010). O derradeiro percurso permitiu o entrelaçamento entre teoria, análise e discussão dos dados.

Figura materna nos contos de fadas: mãe biológica, fada madrinha, bruxa e madrasta

Entende-se que “Toda mãe tenderá a ser mãe, madrasta e madrinha, ao mesmo tempo” (Corso & Corso, 2006, p. 113). Nos contos de fadas, a mãe boa quase sempre morre no início da história, tal fato, pode ser observado na história da Cinderela, Branca de Neve e A Bela Adormecida, dos escritores Perrault, 1697, e Grimms, 1812 (Corso & Corso, 2006). Dessa maneira, pode-se compreender que as crianças, principalmente a menina, em um nível inconsciente precisa matar a versão da mãe indubitavelmente boa, para que elementos maus da mãe surjam e possam posteriormente ser integrados (Bettelheim, 2018).

Assim, “na fantasia edipiana da menina, a mãe é dividida em duas personagens: a maravilhosa mãe boa pré-edipiana e a madrasta ruim edipiana” (Bettelheim, 2018, p. 165). A menina desvalida a mãe para poder desejar outros objetos, em geral, o amor por ela é gradativamente substituído por mágoas, queixas e sentimento de abandono (Corso & Corso, 2006). Para tal, a mãe idealizada, fálica e onipotente da infância precisa ser desconstruída. A criança precisa frustrar-se ao notar que aquela mãe de quem nada lhe faltava, não existe ou ainda é uma utopia (Corso & Corso, 2006).

A fada madrinha, por sua vez, desperta representações de leveza, magia, encantamento e bondade. Ela possui poderes sobrenaturais que auxiliam o herói da história. Sua origem latina, *fata*, significa oráculo e destino. Essa personagem ensina o caminho do bem (Reis, 2014). Em termos inconscientes, a fada madrinha simboliza a mãe amorosa, boa, dadivosa e supridora (Bettelheim, 2018). Remete a criança à lembrança do vínculo amoroso que teve com sua mãe (Corso & Corso, 2006). Além disso, alimenta a fantasia da filha de que sua mãe nunca sentiu ciúmes dela, ou um dia desejou que ela fosse barrada de viver feliz para sempre com o príncipe, isto é, o próprio pai (Bettelheim, 2018).

A madrasta, no que lhe concerne, alude à inveja da mãe para com a jovem filha que agora já pode ser admirada como uma mulher (Corso & Corso, 2006). Essa personagem, geralmente, é retratada como aquela que tenta impedir o sucesso do personagem principal, dificultando essa trajetória (Reis, 2014). Pensando a partir da psicanálise, o papel das bruxas ou das madrastas simboliza os conflitos da mãe e do filho(a) vivido no período pré edípico. Essa projeção da figura materna ameniza os sentimentos ambivalentes de amor e ódio que o filho sente pela mãe (Radino, 2004). No entanto, em termos conscientes, a madrasta do mundo real acaba por receber a titulação de pessoa má, o que não passa de um grande rótulo, fomentado muitas vezes pelos contos de fadas (Cann-Milland & Southcott, 2018).

A bruxa corresponde à reencarnação da mãe má evidenciada no conflito edípico, bem como, a madrasta representa a mãe má rejeitadora e exigente (Bettelheim, 2018). Essas duas personagens sabem do poder do personagem principal, reconhecem o notável homem ou mulher que poderá desenvolver-se, e por isso, tenta impedi-los, retendo-os na infância (Corso & Corso, 2006). Além disso, a mãe na fantasia infantil pode ser vivenciada como um monstro devorador que ameaça consumir a criança, muito similar ao papel da bruxa nos contos de fadas (McKinnell, 2019). As bruxas e as fadas são antagônicas, ruptura entre o bem e o mal (Reis, 2014). Existe um estereótipo cristalizado de que as bruxas são malvadas, o que remete à perversão, feiura, feitiçaria e vassoura, enquanto as fadas, são evidenciadas como benevolentes (Reis, 2014).

Em geral, as bruxas no final da história morrem ou são violentadas, isso porque, em um nível latente a criança precisa compreender que desapareceu os fragmentos maldosos do eu para que os bons elementos possam se sobressair. Assim, o herói da história é recompensado e a criança compreende que prevaleceu a justiça, e, por conseguinte, a obtenção do final feliz (Bettelheim, 2018). Além disso, se não ocorrer a morte da bruxa, a criança pode inconscientemente associar que a

bruxa pode ressurgir (Radino, 2004). De acordo com o autor referenciado, “a mãe má, personificada na figura da bruxa, ajuda a preservar a mãe boa dos ataques sádicos” (Radino, 2004, p.141).

Função Materna a partir de Winnicott

Para a psicanálise, a figura materna é crucial para o desenvolvimento inicial da criança (Raufman & Weinberg, 2016). A essência do cuidado materno acentua-se na capacidade da mãe interpretar exatamente a necessidade de seu filho. Para isso, uma mãe pode amparar-se na experiência que teve como um bebê. Isso significa dizer que uma mãe revive na relação mãe-bebê a experiência que teve com a sua própria mãe, de modo que, agora consegue interpretar as necessidades do filho porque um dia, ela própria, foi um bebê. Esse processo de cuidado materno facilitará a independência posterior de seu filho(a), pois a independência de um bebê está fortemente vinculada ao processo de independência da mãe, pela qual utiliza-se de sua maternidade e manejo da ansiedade para retomar a sua vida autônoma (Winnicott, 1990).

Somando a isto, a mãe exerce a função de oportunizar ao bebê a vivência de ilusão da onipotência para posteriormente desiludi-lo (Winnicott, 1994). Nesse processo, no início da vida, o lactente está fusionado com sua mãe, portanto subordinado aos seus cuidados. O momento em que deixa de ser amamentado pelo seu seio pode representar o fim da fusão. Agora, caso o cuidado materno seja ineficaz, o lactente está privado da condição de existir e de ser uma unidade integrada, o que resulta na fraqueza do Ego (Winnicott, 1990). Portanto, a capacidade de maturação do Ego está estreitamente vinculada à aptidão da mãe de ser suficientemente boa, a fim de proporcionar um ambiente favorável para integração do Ego e constituição do *self* (Winnicott, 1990). Levando-se em conta que a *mãe suficientemente boa* não corresponde ao sinônimo de perfeição (Winnicott, 1994).

De acordo com Nasio (1995), uma das funções da mãe diz respeito à apresentação do

objeto, de modo a oferecer o seio ou mamadeira. Isso evoca no bebê a sensação de esperar algo e, ao mesmo tempo, constrói a ilusão de ter criado esse algo (objeto) por meio da onipotência (Quadros, 2018). Nesse sentido, o bebê tem a ilusão de que o seio faz parte dele e, portanto, exerce controle mágico (Winnicott, 1975). Tal ilusão foi construída em decorrência da voracidade, impulsos primitivos e necessidade por parte do lactente (Winnicott, 1957/2019). A mãe, por sua vez, contribui com essa ilusão toda vez que lhe concede o objeto desejado, e por certo, ampara o bebê frente às angústias (Quadros, 2018).

De acordo com Winnicott (1957/2019), todo esse embate, faz com que o bebê consinta por meio da ilusão, a ideia de que o universo pode ser fabricado pela sua imaginação. Em face dessa situação, os fenômenos transacionais que surgem mais adiante na vida da criança podem ser analisados como manifestações iniciais do uso da ilusão (Winnicott, 1975), porém, desta vez, como objeto externo ao bebê. Não obstante, em seguida, a mãe tem como incumbência desiludir o seu filho(a). Tal tarefa pode ser vista, por exemplo, no momento de desmame (Winnicott, 1957/2019). Dessa maneira, a mãe oferece à criança a ilusão e posteriormente a desilusão que, por sua vez, concede o desejo, a capacidade de mais adiante na vida adulta, se desdobrar em arte, talento e criatividade, em prol da sociedade (Winnicott, 1957/2019, 1975). Em vista disso, a desilusão é crucial para a maturidade psicológica (Seligman, 2018).

Ainda, uma das funções fundamentais realizadas pela mãe ou pela sua substituta diz respeito à ideia de sustentar o bebê, isto é, ser continente (Campana, Santos & Gomes, 2019). Para Winnicott, esse processo ocorre através de um ambiente facilitador, podendo ser referido pela terminologia *holding*, que correspondente à ideia de sustentação (Winnicott, 1994). Dessa maneira, a mãe constrói uma rotina para seu filho que sustenta o corpo e sobretudo o psíquico (Quadros, 2018). Para isso, faz-se crucial a identificação da mãe com o seu bebê. Afinal, a mãe se adapta integralmente ao bebê ao passo de saber quando e o que ele precisa

(Winnicott, 1949/1993, 1990). Essa habilidade pode ser adquirida pela mãe ao lembrar o vínculo de segurança, apoio, cuidado e empatia advinda de sua progenitora, e que agora é transferido ao seu filho (Campana et al., 2019).

A partir do termo *holding* ocorre os estágios do desenvolvimento de maturação (Quadros, 2018). Ocorre também, ainda que de forma principiante, o desenvolvimento da inteligência e a mente do bebê. Em seguida, acontece o funcionamento simbólico, permitindo, por exemplo, o avivamento dos sonhos. Concomitantemente, acontece o que se chama de “união das duas bases do comportamento impulsivo” (Winnicott, 1990, p. 45). Para que a criança desenvolva essas capacidades, é necessário que ela tenha disponível um ambiente *holding* suficiente (Winnicott, 1990). No *holding*, o lactente é dependente de sua mãe, mas transita por fases que podem levá-lo à independência. Subdivide-se em: dependência absoluta, dependência relativa e independência (Winnicott, 1990).

A dependência absoluta ocorre quando o lactente depende do ambiente (mãe) para sua sobrevivência, ainda que não perceba os cuidados maternos (Winnicott, 1990). Isso porque, na concepção do lactente, ele e o ambiente são uma unidade indiferenciada (Nasio, 1995). Assim, o bebê vê a mãe como parte dele, o que é caracterizado pela identificação primária (Winnicott, 1999). Nesse período, o bebê não separa o *não-eu* do *eu* (Winnicott, 1990). Portanto, não existe possibilidade de o lactente sentir-se vivo e real e, se existisse, na verdade, sabe-se que seria ilusório (Coelho, 2013). Tendo em vista essa situação, a mãe procede o atendimento das necessidades do bebê, concedendo alimentos, vestindo-o adequadamente conforme a temperatura ambiente, dando-lhe banhos, entre outros (Quadros, 2018). O período de dependência absoluta tem o seu início no nascimento e, em seu curso normal, até a vigésima sexta semana de vida (Nasio, 1995).

Já a dependência relativa é o processo pelo qual o lactente toma consciência de suas necessidades frente ao cuidado materno.

Corresponde a um estágio de adaptação que, por sua vez, oscila em uma desadaptação progressiva causada pela progenitora. Um exemplo observável, diz respeito quando a criança está com fome e deseja que sua mãe lhe atenda trazendo o alimento. Pelas experiências anteriores, a criança entende que precisa esperar, pois suas necessidades não serão atendidas de imediato. Com efeito, toma consciência dessa dependência (Winnicott, 1990). Essa fase inicia aos 6 meses de vida do bebê estendendo-se aproximadamente até os 2 anos (Nasio, 1995).

A terceira fase direciona-se à independência, momento em que o lactente dispõe de recursos para viver sem o cuidado real da mãe (Winnicott, 1990). Dessa forma, o crescimento emocional depende do progresso desses estágios até chegar ao ápice no sentido de independência (Winnicott, 1994). Se porventura o cuidado materno não for suficientemente bom, a criança fica privada de sentir-se viva e real, de modo que a mesma não existe em sua singularidade. Por essa razão, entende-se que não há seguimento do ser (Winnicott, 1990). Afinal, uma das principais diferenças que uma pessoa tem que aprender é entre si e sua mãe (Raufman & Weinberg, 2016).

A respeito do desenvolvimento emocional primitivo, pode-se destacar três características primordiais: primeiro, a criança precisa adentrar na realidade externa; segundo ver-se no próprio corpo; e terceiro, ter unificado a personalidade (Winnicott, 1997). Esse processo pode ser feito com auxílio da mãe ou facilitado por seus substitutos. É possível que a criança normal veja, por exemplo, na professora a extensão de sua mãe e vice-versa (Winnicott, 1997). Esse pensamento confirma a ideia de que além da mãe, a família e o meio social são tidos como um meio que possibilita a criança transitar da dependência à independência (Winnicott, 1949/1993, 1994, 1984/2005). Logo, a etapa inicial da vida das crianças nunca cessa, pois, seu desenvolvimento é contínuo (Winnicott, 1997).

Winnicott (1994) afirma que é possível ainda que a criança estabeleça outras extensões da mãe, por exemplo, através de um objeto, o qual o autor denominou *objeto transicional*. Do ponto de vista da criança, esses objetos são, em sua maioria, mágicos (McKay, 2019). Em geral, as crianças amam e se apegam a esses objetos transicionais que se apresentam em forma de boneco, ursinhos de pelúcia ou outros brinquedos macios ou duros (Winnicott, 1975). No íntimo, refere-se à primeira propriedade de domínio da criança que não faz parte dela (Winnicott, 1957/2019). De modo a contribuir para que consiga, aos poucos, rever suas limitações perante o controle onipotente exercido sobre a sua mãe (McKay, 2019).

Muitos desses objetos recebem um nome e, quando isso ocorre, indica-se que seja explorada essa origem. Às vezes, o nome está conectado com uma palavra que a criança ouviu antes mesmo de que soubesse falar. Ainda, observa-se manifestações do tipo: acariciar e demonstrar afeto demasiado pelo objeto e, simultaneamente, chupá-lo ou destruí-lo, o que sinaliza uma forma primitiva de amor que oscila entre afeto/apego e ódio/agressão (Winnicott, 1957/2019). Tudo isso indica que para o bebê se reconhecer, faz-se mais do que necessário que ele também possa, em sua fantasia, manifestar sua natureza agressiva ao passo de “destruir” a mãe, na fantasia, o que permite criar a realidade externa e realizar a distinção entre o eu e o não-eu. Nesse movimento, a figura materna revela-se como o outro exterior, ou seja, separado (McKay, 2019).

McKay (2019) pontua que muitas vezes os pais não valorizam esses objetos escolhidos pela criança. Para o autor, quando o objeto transicional é compartilhado com as figuras parentais, este por sua vez, acaba por repercutir de forma muita mais veemente (McKay, 2019). Agora, se os pais reconhecem o valor desse objeto, provavelmente permitem que a criança possa expressar o seu amor, uma vez que sabem que a criança entende que tal objeto representa uma parcela do seu Eu. Logo, não é recomendado limpá-lo, nem muito menos retirar o seu mau cheiro, caso contrário, podem

destruir a magia do brinquedo e resultar em desassossego no lar (Winnicott, 1957/2019, 1975).

Com o passar do tempo, a criança necessita que o objeto transitório esteja ao seu alcance. Quando a criança deixa-o cair do berço ou esquece o objeto em algum lugar – ainda que não sente a sua falta – é indicado devolver ou salientar a criança sobre essa situação (Winnicott, 1957/2019). Além do mais, os pais suficientemente bons, permitem que ao sair de casa, a criança possa levar determinado objeto “mágico”, denotando mais uma vez que os pais reconhecem e apoiam a relação da criança para com seu objeto (Winnicott, 1957/2019, 1975). Por outro lado, caso a criança avance em seu desenvolvimento infantil e não consiga se separar desse objeto quando sua mãe se ausenta por um longo tempo, pode-se entender que existem manifestações psicopatológicas, podendo ter como desdobramentos psicose maníaco-depressiva, paranoia, disposição antissocial e hipocondria (Nasio, 1995).

Mas o que acontece com as crianças que não possuem ou elegem um objeto transicional? Para Winnicott (citado por Nasio, 1995), muito mais do que o objeto transicional é importante que a criança tenha um ambiente que facilite a transição de um estado para outro, isto é, realidade interna para a realidade externa. Não raro, ao invés de objetos transicionais, vê-se a ocorrência de *fenômenos transicionais*, podendo ou não observarmos apenas um ou os dois (Nasio, 1995). Nos fenômenos transicionais, a criança leva um lençol, a ponta do travesseiro ou algum pedaço de tecido até a sua boca. Em seguida, frequentemente são retirados pedaços de lã deste material que pode ser acariciado e muitas vezes até engolido. Posteriormente emitem balbucios, isto é, sons sem significados, mas que sinalizam as primeiras manifestações da linguagem verbal (Nasio, 1995; Winnicott, 1975). Tudo isso ocorre para ajudar a criança a lidar com a angústia de separação da progenitora, a qual pode ser mais bem visualizada à noite quando a criança se depara com a situação de ir dormir sozinha, longe da mãe (Nasio, 1995). Corresponde a uma defesa

utilizada para lidar com a ansiedade, em especial, a depressiva (Winnicott, 1975).

Em relação a essa discussão, outra função da mãe é oportunizar um *ambiente favorável*, sendo que “a mãe sozinha é um ambiente favorável” (Winnicott, 1990, p. 81), pois sua condição de preocupação primária suscita o conhecimento preciso das necessidades do bebê. Isso possibilita que a criança desenvolva seu potencial por meio do processo contínuo de maturação (Winnicott, 1990). Perante essa ideia, pode-se dizer que a maternagem não precisa ser excelente, e sim suficientemente boa, de forma a identificar-se com o lactente e decifrar o que ele sente (Winnicott, 1949/1993, 1990, 1994). A mãe suficientemente boa fomenta a onipotência do lactente até certo ponto, ao passo do bebê consolidar gradativamente um *self* verdadeiro, enquanto a mãe não suficientemente boa fracassa nesse processo, e por conseguinte, o lactente constrói um falso *self* (Winnicott, 1990).

No início da vida, o *self* verdadeiro nada mais é do que um montante de sensações sensório-motor (Nasio, 1995). O *self* verdadeiro equivale na teoria freudiana ao Ego, pois é ele que dá conta das demandas do Id e do mundo externo. Já o falso *self* lida com a irrealidade (Winnicott, 1994). O Ego materno fomenta o auxílio ao Ego do bebê, o que permite mais adiante a identidade da criança (Winnicott, 1999).

Para que a criança construa seu verdadeiro *self* é necessário percorrer alguns estágios. Uma criança avança para um estágio em que ela se reconhece como “*eu sou*” porque tem acesso a um ambiente protetor e possui uma mãe atenta às necessidades do ego infantil. Como consequência, a criança consegue avançar para um segundo estágio de “*eu estou só*”, uma vez que tem internalizada a existência contínua de sua mãe, o que a possibilita ter prazer e tranquilidade em estar sozinha, mesmo que por pouco tempo. Através desses estágios, o indivíduo adquire a capacidade de ver a figura materna como um pouco desnecessária (Winnicott, 1990). Portanto, a mãe se oferece

inteiramente ao filho, preocupando-se, até que chega um ponto em que isso se dizime da necessidade dela e do bebê (Winnicott, 1984/2005).

Ainda é importante ressaltar que é bem possível que, diante de um trauma precoce, a criança utilize defesas muito primitivas para lidar com ansiedade de aniquilamento. Pode-se afirmar que, em razão deste trauma, o bebê constrói um falso *self* com intuito de proteger o verdadeiro *self*. Assim sendo, muito provavelmente, este ambiente primário invade a criança e sua mente (Fabozzi, 2018). Com efeito, o sentido do *self* fracassa, o que resulta na impossibilidade de ingresso no mundo simbólico (Santos, 1999). Isso faz com que o bebê, e mais adiante o adulto, viva uma vida que não é a sua, uma vez que está privado da condição de ser (Fabozzi, 2018). As falhas de um ambiente não favorável e que não dispõem de amparo e sustentação podem, na adolescência ou na vida adulta, colaborar na emergência de transtornos psicológicos (Quadros, 2018).

As considerações aqui delineadas possibilitam o entendimento a respeito da função materna, contos de fadas e da figura materna nos contos de fadas, a partir da psicanálise. Nestas articulações aprendemos que a *mãe suficientemente boa*, real ou nos contos de fadas, tem para com seu bebê, a incumbência de favorecer os processos de maturação do Ego, a independência e o desenvolvimento do *self* verdadeiro. Há que se lembrar sempre de que os contos de fadas oportunizam maior compreensão de si e do mundo ao conectar as histórias a sua própria experiência. Por efeito, diversos desenlaces. E repertoriar o modo pelo qual avançamos metodologicamente nesta pesquisa é o passo que daremos em seguida.

Método

O delineamento da presente pesquisa possui caráter qualitativo. Nela, descobrem-se as motivações, valores e representações do real humano (Laville & Dionne, 1999). O método qualitativo propõe soluções para assuntos

microsociológicos. Por meio deste, ocorre a elaboração norteadora com intuito de explorar o estudo do fenômeno investigado (Flick, 2009). Esta pesquisa classifica-se como exploratória e explicativa. As pesquisas exploratórias procuram obter maior proximidade com o problema para explicitá-lo ou elaborar hipóteses (Gil, 2010; Prodanov & Freitas, 2013). Nas pesquisas explicativas, o foco primordial é detectar os fatores sociais ou naturais que fomentam a ocorrência de determinado fenômeno, a fim de explicar o porquê, o motivo das coisas (Gil, 2010; Zanella, 2013).

A fonte utilizada corresponde ao livro *Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros* (Machado, 2010), capítulo *Cinderela ou O Sapatinho de Vidro* (Perrault, 1697/2010). Atualmente, a versão mais propagada é de Perrault (1697), seguida pela versão dos irmãos Grimm (1812) (Corso & Corso, 2006). Por isso, foi utilizado o recurso do livro, lançado originalmente em 1697 com o nome de: *Cendrillon ou La petite pantoufle de verre*, em *Histoires ou Contes du temps passé, avec des moralités*, e atualizado em 2010 pela editora Zahar, com o nome de: *Cinderela ou O Sapatinho de Vidro*, pois essa é a versão mais conhecida do conto Cinderela.

O conto de fadas *Cinderela ou O Sapatinho de Vidro* (Perrault, 1697/2010) conta a história de uma menina em cujos anos iniciais de vida, tudo era perfeito, inclusive a convivência com as figuras paternas. Certo dia, a tristeza veio a pairar sobre a família, pois a mãe de Cinderela vem a falecer. Seu pai, após algum tempo, se casa novamente. Então, Cinderela passa a morar com seu pai, sua nova madrasta (malvada) e as duas filhas dessa. A partir de então, Cinderela fica responsável por todas as atividades domésticas da casa. Cinderela dorme no sótão sobre as cinzas, perto da lareira, enquanto suas meias-irmãs ocupam os melhores quartos. Apesar de todo sofrimento, a vida de Cinderela tem uma reviravolta quando, com a ajuda de sua fada madrinha, ela consegue ir ao baile oferecido pelo filho do rei (o príncipe). Nesta ocasião, o príncipe e Cinderela apaixonam-se. Chegada

meia-noite, Cinderela recorda-se do conselho de sua fada madrinha em retornar para a casa. Na fuga, a heroína deixa seu sapatinho de vidro cair. O príncipe encontra-o e, dias depois, consegue localizar a Cinderela. Em seguida estavam casados e vivendo felizes para sempre.

Como instrumentos utilizados, foi construída uma tabela de conteúdo, por meio dos dados coletados no conto de fadas *Cinderela ou O Sapatinho de Vidro* (Perrault, 1697/2010). As tabelas são utilizadas na compilação de dados, através de uma apuração de elementos, atribuindo significados aos conteúdos resgatados (Laville & Dionne, 1999). Por meio desta tabela, realizou-se uma descrição dos trechos principais do conto. Em seguida, o trecho selecionado foi associado ao fenômeno investigado, isto é, identificar as possíveis implicações da função materna nos processos de maturação do Ego. Portanto, a partir de trechos específicos do conto de fadas Cinderela, analisou-se os dados em consonância ao referencial teórico.

A partir desse ponto, cabe nesse momento apresentar os procedimentos. Foram realizadas diversas leituras, realizou-se uma leitura de cunho mais seletivo, a fim de identificar trechos do livro e selecionar informações importantes que contemplassem o tema da pesquisa (Lima & Miotto, 2007). Para tal, foram selecionados e descritos previamente os trechos pertinentes. Feito isso, o material foi organizado e selecionado por intermédio da elucidação das categorias de análise (Laville & Dionne, 1999). Nisso, os trechos do livro foram replicados e categorizados. Em seguida, realizou-se uma leitura interpretativa da obra, com intuito de encontrar soluções que atendessem o propósito da pesquisa (Lima & Miotto, 2007). Por fim, foi realizada uma análise de conteúdo com objetivo de associar os dados coletados com a revisão de literatura.

Para o referencial de análise, foi utilizada a análise de conteúdo e, por meio

dessa, procurou-se evidenciar as estruturas e os elementos constituintes para posteriormente explicar suas características e significados. Uma das características fundamentais da análise de conteúdo é o levantamento de categorias, cujo principal objetivo é diminuir o material, ou seja, realizar uma condensação (Flick, 2009). Para a estruturação do planejamento desta pesquisa, foram utilizadas categorias de análise mista, com categorias de análise abertas e fechadas. Feito isso, as categorizações foram interpretadas de forma qualitativa por meio de estratégias de emparelhamento. Foram associados os dados encontrados em um paradigma teórico psicanalítico, com intuito de compará-los. Após, verificou-se a relação entre a teoria e a situação observável (Laville & Dionne, 1999).

Resultados e discussão

Em consonância com o propósito da pesquisa “implicações da função materna nos processos de maturação do Ego, a partir do Conto de Fadas Cinderela”, foi escolhido como artefato cultural o livro *Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros* (Machado, 2010), capítulo *Cinderela ou O Sapatinho de Vidro* (Perrault, 1697/2010). A obra foi lida pela autora inúmeras vezes, com intenção de produzir a tabela 1. A tabela apresenta uma categoria, subcategorias e recortes do artefato, a fim de contemplar o entrelaçamento entre teoria, análise e discussão dos dados, ao mesmo tempo em que visa responder o objetivo da pesquisa.

Na Categoria de análise 1, foram selecionados recortes de cenas que retratam a função materna localizada no conto, através das personagens mãe boa, madrasta e fada madrinha. Para isso, foram escolhidas as subcategorias *mãe suficientemente boa*; *mãe não suficientemente boa*; *holding* e integração do Ego.

Tabela 1

Categorias e subcategorias de análise e recortes do artefato cultural

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	RECORTE DO ARTEFATO
1. Função Materna	Mãe suficientemente boa	<p>1- A fada madrinha foi com Cinderela até o quarto dela e lhe disse: “Desça ao jardim e traga-me uma abóbora”. Cinderela colheu a abóbora mais bonita que pôde encontrar e a levou para a madrinha. Não tinha a menor ideia de como aquela abóbora poderia fazê-la ir ao baile. A madrinha escavou a abóbora até sobrar só a casca. Depois bateu nela com a sua varinha e no mesmo instante a abóbora foi transformada numa bela carruagem toda dourada. Em seguida foi espiar a armadilha para camundongos, onde encontrou seis camundongos ainda vivos. Disse a Cinderela que levantasse um pouquinho a portinhola da armadilha. Em cada camundongo que saía dava um toque com sua varinha, e ele era instantaneamente transformado num belo cavalo; transformaram-se assim três belas parelhas de cavalos de um bonito cinza-camundongo rajado. E vendo a madrinha confusa, sem saber do que faria um cocheiro, Cinderela falou: “Vou ver se acho um rato na ratoeira. Podemos transformá-lo em cocheiro. “Boa ideia”, disse a madrinha, “vá ver.” Cinderela então os trouxe, a madrinha os transformou em seis lacaios, que num segundo subiram atrás da carruagem com suas librés, e ficaram ali empoleirados, como se nunca tivessem feito outra coisa na vida. (pp. 22-23).</p> <p>2- A fada se dirigiu então a Cinderela: “Pronto, já tem como ir ao baile. Não está contente?” “Estou, mas será que vou assim, tão maltrapilha?” Bastou que a madrinha tocasse com sua varinha, e no mesmo instante suas roupas foram transformadas em trajes de brocado de ouro e prata incrustados de pedrarias. Depois ela lhe deu um par de sapatinhos de vidro, os mais lindos do mundo. (pp. 24).</p>
	Mãe não suficientemente boa	<p>3- Assim que o casamento foi celebrado, a madrasta começou a mostrar o seu mau gênio. Não tolerava as boas qualidades da enteada, que faziam suas filhas parecerem ainda mais detestáveis. Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa. Era a menina que lavava as vasilhas e esfregava as escadas, que limpava o quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas. Quanto a ela, dormia no sótão, numa mísera enxerga de palha, enquanto as irmãs ocupavam quartos atapetados, com camas da última moda e espelhos onde podiam se ver da cabeça aos pés. (pp. 19).</p>
	Holding	<p>4- “O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa e de uma bondade sem par. Nisso saíra a mãe, que tinha sido a melhor criatura do mundo.” (p. 19).</p> <p>5- Enfim o grande dia chegou. Elas partiram e Cinderela seguiu-as com os olhos até onde pôde. Quando sumiram de vista, começou a chorar. Sua madrinha, que a viu em prantos, lhe perguntou o que tinha: “Eu gostaria tanto de... eu gostaria tanto de...” Cinderela soluçava tanto que não conseguia terminar a frase. A madrinha, que era fada, disse a ela: “Você gostaria muito de ir ao baile, não é?” “Ai de mim, como gostaria”, Cinderela disse, suspirando fundo. (pp. 22).</p> <p>6- A pobre menina suportava tudo. Não ousava se queixar ao pai, que a teria repreendido, porque era sua mulher quem dava as ordens na casa. Depois que terminava seu trabalho, Cinderela se metia num canto junto à lareira e se sentava no meio das cinzas. (pp. 19-20).</p> <p>7- No dia seguinte as duas irmãs foram ao baile, e Cinderela também, mas ainda mais magnificamente trajada que da primeira vez. O filho do rei ficou todo o tempo junto dela e não parou de lhe sussurrar palavras doces. A jovem estava se divertindo tanto que esqueceu o conselho de sua madrinha. Assim foi que escutou soar a primeira badalada da meia-noite quando imaginava que ainda fossem onze horas: levantou-se e fugiu, célere como uma corça. O</p>

	príncipe a seguiu, mas não conseguiu alcançá-la. Ela deixou cair um dos seus sapatinhos de vidro, que o príncipe guardou com todo cuidado. (pp.27).
Integração do Ego	8- Levaram Cinderela até o príncipe, suntuosamente vestida como estava. Ela lhe pareceu mais bela que nunca e poucos dias depois estavam casados. Cinderela, que era tão boa quanto bela, instalou as duas irmãs no palácio e as casou no mesmo dia com dois grandes senhores da corte. (pp. 30).

Nota. Tabela elaborada pelos autores.

Categoria de análise 1: Função materna

A constituição do primeiro vínculo de um sujeito é estabelecida com a mãe e/ou sua substituta, aquela que alimenta, ampara, dá colo, faz a higiene e protege o recém-nascido. Todas essas atividades contemplam as funções maternas, tanto em questões orgânicas quanto afetivas (Zimerman, 2010). A vivência estabelecida entre mãe e bebê pertence ao reino das experiências emocionais, o que possibilita o acesso do perceber, conhecer e sentir (Steinberg, 2019). O vínculo saudável com a mãe é aquele que exerce a capacidade de ser continente e empática, a fim de atender as necessidades do filho de acordo com os conteúdos demandados de cada fase do desenvolvimento (Zimerman, 2010).

Perante essa ideia, pode-se estabelecer uma relação de experiência emocional integrada que acontece entre mãe-criança no período inicial da vida do bebê. Apesar do bebê se ver como unidade integrada com a mãe, pode-se dizer que esse vínculo é também social, uma vez que está inserido no campo simbólico da linguagem, cultura e representações sociais compartilhadas à mãe e, portanto, ao bebê também (Steinberg, 2019). Isso é importante para que mais adiante a criança obtenha a extensão dos vínculos, para posteriormente envolver-se com tios, avós e babás, o que proporciona um maior alongamento e modificações das relações vinculares (Zimerman, 2010).

Nos contos de fadas, a figura materna apresenta-se através de vários papéis, desde a mãe excepcionalmente bondosa à bruxa e/ou a madrasta tenebrosa (Corso & Corso, 2006). Na subcategoria *mãe suficientemente boa*, encontra-se por meio da cena 1 e 2 essa

modalidade de mãe. Uma mãe que opera desta forma envolve-se, adapta-se para atender as necessidades da criança, e, gradativamente, diminui esta adaptação de modo a convidá-la a tolerar a frustração (Winnicott, 1975). Na cena 1, percebe-se que a fada madrinha de Cinderela interpreta que a menina deseja ir ao baile e ajuda-a a atender às suas necessidades, isto é, dispondo-lhe de uma carruagem, cavalos e lagartos como meio de locomoção. Vale ressaltar que a fada madrinha pode também simbolizar a mãe amorosa, boa, dadivosa e supridora (Bettelheim, 1976/2018). Logo, a primazia desse cuidado materno está na capacidade da mãe (ou substituta) de interpretar as necessidades do filho, atendê-las de maneira a possibilitar mais adiante a independência (Winnicott, 1990). Por meio da identificação projetiva, a qual faz parte do escopo principal de comunicação não verbal eficaz entre mãe-bebê é possível decifrar as necessidades (Våpenstad, 2017), o que permitiu que a fada madrinha soubesse o que Cinderela necessitava, sem que a menina precisasse nomear.

Ainda na cena 1, vê-se que a mãe suficientemente boa disponibiliza à Cinderela o manejo do *objeto transicional* (Winnicott, 1957/2019, 1994). A presença da magia, como a abóbora transformada em carruagem; os camundongos transfigurados em cavalos; os ratos alterados para lagartos, entre outros, denotam a presença do objeto transicional utilizado pelas crianças, a fim de estabelecer outros desdobramentos da mãe (Winnicott, 1994). Constitui uma fase transitória onde o sujeito passa de um estado de fusão (união) com a mãe para se visualizar separado dela (Winnicott, 1957/2019), além de ser uma transição, ainda que fantasiosa, do controle onipotente para o controle de manipulação

(Nasio, 1995). Ressalta-se que a mãe suficientemente boa permite que o seu filho saia de casa e leve consigo o “objeto mágico” (Winnicott, 1957/2019, 1975), assim como faz a fada madrinha no conto de fadas Cinderela, pois permite que a mesma utilize os “objetos mágicos” para transitar de sua casa ao baile, ou melhor, da dependência à independência.

Percebe-se na cena 2 que apesar de Cinderela ser presenteada com objetos mágicos, algo ainda lhe faltou. A menina aparentemente manifesta sentimento de tristeza. A fada madrinha, ao observar esse fenômeno, interpreta os sentimentos de Cinderela, de modo a perguntar: “Pronto, já tem como ir ao baile?”. Não está contente?” (Perrault, 1697/2010, p. 24), Cinderela responde: “Estou, mas será que vou assim, tão maltrapilha?” (Perrault, 1697/2010, p.24). Logo, a mãe suficientemente boa não precisa ter total compreensão intelectual de sua tarefa, ao contrário, sua devoção para com o bebê, capacita-a, e transforma em autoconsciente das necessidades da criança (Winnicott, 1957/2019). Nesse movimento, introduz-se a ideia de que a mãe de Cinderela não é tão onipotente como a menina pensava, ao passo de atender literalmente todas as suas necessidades. Cinderela frustra-se por ter trajes maltrapilhos e também se depara com uma mãe falha que não sabe de tudo. Portanto, a mãe onipotente da infância foi desconstruída. Assim sendo, a criança precisa frustrar-se, ao notar que aquela mãe de quem nada lhe deixava faltar, não existe ou ainda é uma utopia (Corso & Corso, 2006).

Na cena 2, assim como na cena 1, depara-se com o objeto transicional. Na cena 2, o objeto transicional apresenta-se na forma de um par de sapatos de vidro que, por sua vez, torna-se um elemento-chave da história de Cinderela, pois contribui no alcance do final feliz almejado. Como já mencionado anteriormente, o objeto transicional facilita a transição de um estado para outro, ou seja, da dependência à independência, da fusão à desfusão com a mãe (Nasio, 1995). Outra similaridade das cenas 1 e 2 diz respeito à função materna que está atenta às necessidades da filha. Vê-se que a fada madrinha apoia,

frustra, estimula e ampara Cinderela em suas necessidades. Nesse movimento, a mãe adapta-se às necessidades do bebê e gradativamente diminui essa adaptação, contribuindo para que a criança aprenda a tolerar a frustração e caminhe rumo à independência (Winnicott, 1975).

Em contraste, na cena 3 tem-se a subcategoria *mãe não suficientemente boa*. Essa é retratada como uma mãe que não se adapta às necessidades do bebê (Winnicott, 1975). Sob esse ponto de vista, demonstra-se na cena 3, a figura ineficiente da mãe sob o papel da madrasta. Ela está tão autocentrada em si que não percebe a sobrecarga de trabalho depositada na Cinderela. Cinderela, na condição de dependência com sua mãe, fazia tudo o que lhe era ordenado. Logo, estaria atendendo ao desejo do outro em supressão do seu. Dessa forma, a figura materna, que é tanto associada ao amor incondicional, promoção de bem-estar físico e mental (Aching & Granato, 2016) não se localiza nas ações da madrasta de Cinderela. Nesse sentido, Winnicott (1990) alerta sobre os efeitos do cuidado não suficientemente bom, no qual a criança pode ficar alienada da condição de sentir-se real, e de desenvolver o *self* verdadeiro.

Na subcategoria *holding*, vê-se inicialmente a dependência absoluta (Winnicott, 1990). Na cena 4, descreve-se a doçura e a bondade da figura materna de Cinderela, quando seu pai a compara como sendo exatamente igual a sua mãe. É preciso lembrar que na dependência absoluta, o bebê necessita totalmente dos cuidados maternos, ainda que não se dê conta desta situação, pois para o bebê ele e sua mãe são uma coisa só, indiferenciada (Winnicott, 1990; Nasio, 1995). Em proximidade, entende-se que: “O corpinho de uma criança nasce da barriga, mas seu “eu”, sua imagem corporal, é parido pelos olhos da mãe” (Corso & Corso, 2006, p. 204). Portanto, no início da vida, a mãe (ou substituto) tem como função proteger e cuidar do lactente, pois possui dependência absoluta e se vê como parte da mãe (Dahl, 2016).

Com o passar do tempo, espera-se que a dependência que antes era total, dizime-se e transforme-se em dependência emocional relativa (Winnicott, 1990). Na subcategoria *holding*, vê-se através da cena 5, a dependência emocional relativa. Na subcategoria dependência emocional relativa, percebe-se que Cinderela tem o desejo de ir ao baile. A menina chora demasiadamente por não conseguir encontrar uma solução sozinha. Assim, ela espera de sua fada madrinha o incentivo e ajuda para realizar o seu desejo. De acordo com Winnicott (1990), no estágio de dependência emocional relativa, a criança possui consciência do seu grau de dependência. Nesse sentido, percebe-se que Cinderela deseja que sua fada madrinha lhe atenda trazendo alguma solução para ir ao baile. É possível perceber também que a mãe personificada na fada madrinha está atenta às necessidades de sua filha, tanto que interpreta precisamente o que Cinderela gostaria de dizer ao mencionar: “Eu gostaria tanto de... eu gostaria tanto de...” (Perrault, 1697/2010, p 22). A fada madrinha diz: “Você gostaria muito de ir ao baile, não é?” (Perrault, 1697/2010, p 22). Logo, a mãe interpreta as necessidades, mas também interroga. A mãe ajuda parcialmente, dada a condição de dependência emocional relativa.

Discutindo ainda a subcategoria *holding*, vê-se na cena 6, a dependência emocional relativa. Por meio desta, é possível verificar que Cinderela deseja a proteção do pai, ao mesmo tempo em que se afasta de sua mãe, representada pela madrasta. Por isso, Cinderela vai dormir no sótão, a princípio sozinha, próxima da lareira e suas cinzas. Conforme Bettelheim (1976/2018), a lareira simboliza a mãe e seu repleto amor e calor, evocando lembrança dos fortes sentimentos com a mãe. As cinzas, por sua vez, podem ser vistas como um símbolo de luto pela morte de alguém, ao mesmo tempo, representam o renascimento. O autor acrescenta: “Habitar entre as cinzas pode tanto significar tempos agradáveis com a mãe na proximidade da lareira, quanto nosso estado de luto profundo pela perda, dessa proximidade estreita à mãe, simbolizada pela sua morte” (Bettelheim,

1976/2018, p. 353). Dessa forma, pode-se supor que Cinderela ainda vivencia a fase de dependência emocional relativa, pois mantém certo distanciamento, mas em nível simbólico está próxima da mãe. Cinderela faz um movimento que sinaliza a “capacidade de estar só”, tanto valorizada pelo psicanalista Winnicott (1990), que defende que é nesse momento que a criança adquire sua existência separada da mãe. Assim, entende-se que Cinderela tenha internalizado a mãe e, por isso, não precisa dela integralmente.

Na subcategoria *holding*, vê-se a conquista da independência. É possível preconizar que, na cena 7, Cinderela tenha conseguido conquistar sua independência. Por meio do termo *holding*, rumo à independência, vê-se que a criança consegue executar o autocuidado e sua mãe faz-se pouco necessária (Winnicott, 1990). Nesse movimento, a criança vê-se diferente da mãe (Raufman & Weinberg, 2016), o que lhe possibilita existir e ter sua identidade (Winnicott, 1990). Assim, vê-se Cinderela transitando de um lugar passivo (submisso) para ativo (transgressão), pois a menina vai ao baile mesmo sem o consentimento da madrasta e “esquece” o conselho da fada madrinha em retornar para casa no horário combinado. Os atos de rebeldia de Cinderela podem denunciar que ela pensa diferente de sua mãe. Tais manifestações comportamentais prospectam a Cinderela o caminho da independência, pois como afirmam Corso e Corso (2006), “a independência não pode ser construída de submissão, crescer é também perceber a limitação da força e do poder da autoridade parental.” (p. 131) Para assumir a independência, a criança necessita desprender-se das pessoas ao seu redor que anteriormente obtinha toda a confiança (Freud, 1905/1972). Portanto, percebe-se que a Cinderela se afasta da dependência familiar para construir a sua independência.

Dando sequência à discussão, na cena 8 ratifica-se a integração de Ego, pois Cinderela, além de perdoar as meias-irmãs, dispõe-lhes a oportunidade do casório com outros dois grandes senhores da corte. Portanto, a história parece revelar que Cinderela tenha elaborado a

rivalidade fraterna com as meias-irmãs, uma vez que se sentia menos privilegiada, injustiçada e agora consegue ter uma boa relação, de igual para igual. Tal integração de Ego vem ao encontro do que Winnicott (1990, 1975) denomina por *self* verdadeiro, em que a mãe, ao ser esse ambiente favorável, facilita o processo contínuo de maturação e, em consequência, a criança passa a ter sua identidade constituída. Para o autor, o processo de criatividade de uma criança pode sinalizar a expressão do *self* verdadeiro. Logo, através da cena 8, observa-se o processo criativo de Cinderela ao ser condescendente e permitir um desfecho feliz, tanto para si, quanto para suas meias-irmãs. Além de conseguir alcançar a integração de Ego e sua identidade, ajudou as irmãs neste processo. Winnicott (1957/2019) comenta que o pleno desenvolvimento dos processos de maturação emocional está vinculado à capacidade da criança de se dar conta e ter os primeiros sinais de preocupação, culpa e efetuação de reparações. Os cuidados suficientemente bons facilitam para que a criança consiga em certa dose a integração da personalidade (Winnicott, 1957/2019). Por outro lado, vale a pena destacar que, para Bettelheim (1976/2018), a integração do Ego, também chamada pelo autor de integração da personalidade, não é algo que se adquire de uma vez por todas, uma vez que essa tarefa se prolonga pelo resto da vida, através de diferentes momentos e graus.

Considerações finais

As implicações da função materna nos processos de maturação do Ego, a partir do conto de Fadas Cinderela, correspondem ao tema central do estudo. Através deste eixo, foi

possível conduzir a pesquisa retratando as possíveis contribuições que a mãe pode promover ao seu filho(a), em especial no que diz respeito à integração de Ego e, portanto, à passagem da dependência absoluta, à dependência emocional relativa e à independência.

Cinderela nos ensina que, apesar de todas as tribulações e sofrimento, é possível encontrar a felicidade. Sua aparente fraqueza, sentimento de abandono, falta de privilégio, opressão, insucessos e adversidades no início da vida foram um dos motores precursores para sua superação, integração de Ego e independência. A reviravolta retratada no desfecho da história permite conduzir o raciocínio de que prevaleceu a justiça. Contudo, para que isso ocorresse, foi preciso abandonar os pais da infância, em especial, a progenitora onipotente e excepcionalmente bondosa, aquela que nada lhe deixava faltar. Com efeito, Cinderela depara-se com as várias facetas da mãe desde a “melhor criatura do mundo” (Perrault 1697/2010, p. 19) até a “mulher mais soberba e mais orgulhosa que já se viu” (Perrault, 1697/2010, p. 19).

Toda essa situação denota que para crescer, adquirir independência e integração do Ego é imprescindível a presença de uma *mãe suficientemente boa* ou de sua substituta (pai, avós, professores e demais cuidadores), capaz de interpretar e adaptar-se às necessidades do bebê; proporcionar um ambiente favorável; promover a ilusão de onipotência e desilusão; apoiar o objeto transicional; contribuir para o desenvolvimento do *self* verdadeiro; independência e, por fim, maturação do Ego.

Referências

- Aching, M. C. & Granato, T. M. M. (2016). The good enough mother under social vulnerability conditions. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 15-24. doi: [10.1590/1982-02752016000100003](https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100003)
- Bettelheim, B. (2018). *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (36a. ed.; A. Caetano, Trad.). São Paulo, SP: Paz e Terra. (Original publicado em 1976).
- Campana, N. T. C., dos Santos, C. V. M., & Gomes, I. C. (2019). Who is concerned

- with primary preoccupation?: Winnicott's theory and parental care in contemporary times. *Psicologia Clínica*, 31(1), 32-53. doi: [10.33208/PC1980-5438v0031n01A02](https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A02)
- Cann-Milland, S., & Southcott, J. (2018). The very perplexed stepmother: Step motherhood and developing a healthy self-identity. *The Qualitative Report*, 23(4), 823-838. Recuperado de <https://nsuworks.nova.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3206&context=tqr/>
- Coelho, R. S. (2013). *A experiência do nascimento na obra de D.W. Winnicott* (1a. ed.). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Corso, D. L., & Corso, M. (2006). *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Rio de Janeiro, RJ: Artmed.
- Dahl, G. (2016). Revisiting the crisis in Freud's libido theory and Abraham's concept of the oral-sadistic phase as a way out of it. *The International Journal of Psychoanalysis*, 97(5), 1263-1278. doi: [10.1111/1745-8315.12517](https://doi.org/10.1111/1745-8315.12517)
- Fabozzi, P. (2018). Winnicott's Subjective Object: Merging experiences as preconditions of being. *The Psychoanalytic Quarterly*, 87(1), 73-99. doi: [10.1080/00332828.2018.1424437](https://doi.org/10.1080/00332828.2018.1424437)
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, RS: Artmed
- Freud, S. (1972). *Fragmento da análise de um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5a. ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Gildersleeve, J. & Batorowicz, B. (2018). 'He is telling us fairy tales': parental anxiety and wartime childhood in *Life is Beautiful*, *The Boy in the Striped Pajamas* and Fairy Tales from Auschwitz. *Holocaust Studies*, 24(1), 26-44. doi: [10.1080/17504902.2017.1340074](https://doi.org/10.1080/17504902.2017.1340074)
- Hueck, K. (2017). *O lado sombrio dos contos de fadas*. Superinteressante. São Paulo, SP: abril.
- Iglesias, A. & Iglesias, A. (2016). Hypnotic mediated therapeutic storytelling with over-involved children. *Contemporary Hypnosis & Integrative Therapy*, 31(1) 6-12. Recuperado de <http://iglesiasphd.com/wp-content/uploads/sites/97/2013/07/Contemporary-Hypnosis-Integrated-Therapies.pdf>
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* (H. Monteiro & F. Settineri, Trans.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Lima, T. C. & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10(1), 37-45. doi: [10.1590/S1414-49802007000300004](https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004)
- Machado, A. M. (2010). *Contos de fadas*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- McKay, R. K. (2019). Where Objects Were, Subjects Now May Be: The Work of Jessica Benjamin and Reimagining Maternal Subjectivity in Transitional Space. *Psychoanalytic Inquiry*, 39(2), 163-173. doi: [10.1080/07351690.2018.1561115](https://doi.org/10.1080/07351690.2018.1561115)
- McKinnell, L. (2019). The Ethics of Enchantment: The Role of Folk Tales and Fairy Tales in the Ethical Imagination. *Philosophy and Literature*, 43(1), 192-209. doi: [10.1353/phl.2019.0011](https://doi.org/10.1353/phl.2019.0011)
- Michael, O. (2017). Excavating Childhood: Fairy Tales, Monsters, and Abuse Survival in Lynda Barry's *What It Is*. *a/b: Auto/Biography Studies*, 32(3), 541-566. Recuperado de https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/08989575.2017.1338002?casa_token=dt_r8AaUewCIAAAA:wdno6roMg7FGG3VaC3OHzhahANRPc_qAGJKw24r5q9ITlu2OfdQJt1M2HRqrF8jNN3q_fe8b0if5Q
- Nasio, J. D. (1995). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan* (1a ed.; Ribeiro, V., Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Perrault, C. (2010). Cinderela ou O Sapatinho de Vidro. In A. M. Machado, *Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros* (M. L. X. A. Borges, Trad.; pp. 19-31). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Original publicado em 1697).
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico*:

- métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale.
- Quadros, E. A. (2018). Crianças e adolescentes: Pichon-Rivière e Winnicott. In E. A. Quadros, *Fundamentos psicanalíticos* (pp.90-129). Curitiba, PR: InterSaberes.
- Radino, G. (2004). *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo, SP: Casa do psicólogo.
- Raufman, R. & Weinberg, H. (2016). Early Mother–Son Relationships, Primary levels of Mental Organization and the Foundation Matrix as Expressed in Fairy Tales: The Case of the ‘Jewish Mother’. *Group Analysis*, 49(2), 149-163. doi: [10.1177/0533316416633651](https://doi.org/10.1177/0533316416633651)
- Reis, S. D. C. (2014). *O personagem central nos contos de fadas* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco.
- Santos, M. A. D. (1999). A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3). doi: [10.1590/S0102-79721999000300005](https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300005)
- Seligman, S. (2018). Illusion as a basic psychic principle: Winnicott, Freud, Oedipus, and Trump. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 66(2), 263-288. doi: [10.1177/0003065118769908](https://doi.org/10.1177/0003065118769908)
- Steinberg, B. (2019). Civitarese on O: Bion’s Pragmatic and “Aesthetic-Intersubjective” Theory of Truth, the Growth of the Mind, and Therapeutic Action: Discussion of “Bion’s O and His Pseudo-Mystical Path”. *Psychoanalytic Dialogues*, 29(4), 418-426. doi: [10.1080/10481885.2019.1632659](https://doi.org/10.1080/10481885.2019.1632659)
- Våpenstad, E. V. (2017). Attack and defence: From “attacks on linking” to “positive capability” in a child psychoanalysis. *Psychoanalytic psychology*, 34(3), 290-299. doi: [10.1037/pap0000061](https://doi.org/10.1037/pap0000061)
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (1a. ed.; J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (3a. ed., I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Original publicado em 1983).
- Winnicott, D. W. (1993). *Obras escolhidas: da pediatria à psicanálise*. (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves. (Original publicado em 1949).
- Winnicott, C. (1994). *Explorações Psicanalíticas*. (A. Cabral, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Original publicado em 1989).
- Winnicott, D. W. (1997). *Pensando sobre crianças*. (1a. ed.; M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed. (Original publicado em 1996).
- Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães*. (J. L. Camargo, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).
- Winnicott, D. W. (2005). *Privação e delinquência* (4a. ed., A. Cabral, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fortes. (Original publicado em 1984).
- Winnicott, D. W. (2019). *A criança e o seu mundo* (6a. ed.; A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: LTC. (Original publicado em 1957).
- Zanella, L. C. H. (2013). *Metodologia de pesquisa* (2a. ed.). Departamento de Ciências da Administração. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Recuperado de http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/AB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf
- Zimerman, D. E. (2010). *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. São Paulo, SP: Artmed.

Dados sobre as autoras:

- *Bruna Silva Grabowski*: Graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) em 2020. Formada com Lâurea Acadêmica, tendo em vista o seu elevado nível de aproveitamento escolar. Proponente da Escola de Estudos Psicanalíticos. Tem experiência na área de Psicologia Clínica e Psicologia das Organizações e do Trabalho. Interessa-se pelas articulações entre Infância, Psicologia e Disciplina Positiva.
- *Raquel Furtado Conte*: Pesquisadora e Professora do corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Psicologia da Universidade de Caxias do Sul/ CAPES. Doutora No Programa de Diversidade e Inclusão Social., Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999). Graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (1992). Professora Adjunta da Universidade de Caxias do Sul do Curso de Psicologia. Membro do Grupo de Estudos Psicologia e Estudos de Gênero da ANPEPP. É Psicóloga Clínica, e atua nas seguintes áreas: intervenções clínicas e programas de atendimento comunitário, psicologia do desenvolvimento humano, violência e gênero.

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

